

# DEMOCRACIA CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DAS LIVES DE JAIR BOLSONARO NAS ELEIÇÕES DE 2022<sup>1</sup>

Thiago Vaz<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo busca mostrar a ascensão da extrema direita no cenário político mundial, e explicar, brevemente, como o bolsonarismo ganhou capital político e levou o Brasil a ter o primeiro presidente extremista de sua história recente. A ruptura com um discurso moderado, que caracterizara as grandes figuras políticas, com chances reais de ganhar uma eleição presidencial, durante toda a redemocratização pós ditadura, foi observada nas urnas.

O presente artigo também tem como objeto de estudo as lives realizadas por Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022. Foram analisadas as lives tanto do primeiro, quanto do segundo turno. O objetivo é verificar se há conflito entre o discurso do Presidente e os alicerces da democracia. Todo o material analisado está disponível do canal do Youtube de Jair Bolsonaro.

## PALAVRAS-CHAVE

Democracia, eleição, presidente, autoritarismo, Bolsonaro, live.

## INTRODUÇÃO

Em um Estado de direito, regras precisam ser seguidas. Governantes e governados devem seguir à risca o texto constitucional para que a democracia flua. Na teoria, parece razoável. Na prática, não funciona dessa forma. Nossa Constituição sofre alterações constantemente e, mesmo sendo uma das maiores do mundo, temos a sensação de que, de um modo geral, ela não é respeitada. A política

---

<sup>1</sup> Artigo da Iniciação Científica 2022 da Faculdade Cásper Líbero.

<sup>2</sup> Estudante de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.

contemporânea, como pontua Giuliano DaEmpoli ( 2018), é condição de um período no qual vivemos em que a realidade objetiva não existe. A velha máxima “cada um tem direito a suas próprias opiniões, mas não a seus próprios fatos” (2018) caiu por terra já faz algum tempo. Para o italiano, esse período que atravessamos é chamado de “política quântica”, onde os conteúdos são feitos sob medida para um eleitorado cada vez mais levado ao fanatismo. A política passa a ser encarada, por parte considerável da sociedade civil, de forma sectária. Fazer concessões e dialogar com o lado adversário torna-se sinal de debilidade. Compromete-se, dessa forma, o jogo democrático.

Posto os dois fatores acima, há um terceiro elemento endurecendo a democracia do século XXI, Para Levitsky e Ziblatt (2018), há dois requisitos para a democracia constitucional não se atravancar a todo momento. São eles: reserva institucional e tolerância mútua. O primeiro consiste na ciência dos parlamentares de não se valerem de todos os artifícios legais, ou seja, permitidos pela democracia para, baseando-se neles, endurece-la. Já o segundo diz sobre a importância de não encarar o outro lado do espectro político como um inimigo. Quando escolhemos o outro como inimigo, temos muito a perder caso ele vença, e fazemos de tudo para que tal fato não aconteça. Com o cenário mencionado, não só no Brasil, como no mundo, a polarização em demasia é responsabilidade da classe política e, principalmente, dos partidos políticos institucionais, que, em todos os processos eleitorais, são coniventes com figuras abjetas apenas para obterem cadeiras no legislativo com os tais “puxadores de voto”. Com o passar do tempo, a sociedade civil foi contaminada de tal forma por essa irracionalidade de enxergar no outro um inimigo mortal que o progresso, como diz nossa bandeira, parece utópico.

Diante dessa tal irracionalidade, o discurso binário e maniqueísta é aflorado, partindo dos integrantes da política institucional e atingindo os eleitores. As “grades de proteção da política”, ainda citando Levitsky e Ziblatt(2018), passam a ficar cada vez menos maleáveis. Geram-se entraves no andamento da política institucional, bem como da forma como ela é encarada pela sociedade civil, ganhando aspecto belicoso. Em uma guerra, o inimigo é aviltado. Passa-se a fazer política tal como em um combate. Confunde-se o Congresso com uma trincheira.

Fica claro que trata-se de um fenômeno mundial, não é exclusividade do terceiro mundo. A política institucional fez alianças em toda a extensão global com autoritários em potencial. A sina pela vitória transcendeu o zelo pela democracia. Os casos mais famosos são o de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, Viktor Orban, Presidente da Hungria e Recep Tayyip Erdogan, autocrata turco e Jair Bolsonaro, Presidente do Brasil. Porém, há casos de figuras que foram aceitas pelos partidos, mas não venceram o pleito popular, como Le Pen, na França e, ainda na França, local que por ironia fora o berço do iluminismo, Eric Zemmour.

O panorama mencionado mostra brevemente como a conjugação entre autoritários e política institucional está cada vez mais forte. Entretanto, apesar de ser um fenômeno global, o foco deste artigo é analisar o fenômeno no Brasil. Note que, embora tenha acontecido em vários países, cada processo tem a sua particularidade, por isso cabe explorar o tema.

O objetivo deste artigo é, diante do panorama brevemente exposto, analisar a campanha presidencial bolsonarista. Mais especificamente, falas antidemocráticas de Jair Bolsonaro nas lives. Tanto nas lives de quinta, costume do presidente, como também de lives de campanha, na qual Bolsonaro aparece como candidato. Escolhemos as lives pois entendemos ser o ambiente no qual Bolsonaro não terá freios para controlar seu vocabulário, não terá limite de tempo, muito menos adversários políticos, somente o público simpático à candidatura e eleição de Jair Bolsonaro. A análise será feita durante toda a campanha oficial, iniciando-se no dia 10 de agosto. O fim do objeto de pesquisa será o término do pleito, dependendo da ocorrência de segundo turno.

Trata-se, a partir deste momento, de mostrar o fenômeno bolsonarismo surgindo no Brasil, o ganho de capital político da figura de Jair Bolsonaro, analisar suas falas durante a campanha presidencial e verificar se há potencial autocrata em Bolsonaro.

## O autoritarismo com brasilidade

No Brasil, o maior exemplo da nova direita é o Bolsonarismo. Tendo surgido após o pleito presidencial de 2014, tem Jair Bolsonaro como homem forte. Nascido

em 1955 na cidade de Glicério, no interior de São Paulo, Bolsonaro ingressou na carreira militar após cursar a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Permaneceu nas Forças Armadas por quinze anos. Foi colocado na reserva por decisão do Superior Tribunal Militar (STM) após ser acusado pela jornalista Cássia Maria Rodrigues, de ser o autor de croquis que tinham como objetivo colocar bombas em quartéis no Rio de Janeiro como forma de protesto pelo baixo valor do soldo dos militares<sup>3</sup>. No fim dos anos 1980, Bolsonaro é eleito vereador pelo Rio de Janeiro e começa sua trajetória política. Sua estrutura baseia-se em ideais como a glorificação de um passado inexistente, no caso a negação da Ditadura Militar, os direitos humanos como empecilho ao combate ao crime, a liberação das armas, o fim do tal estatuto do desarmamento e excludentes de ilicitude para policiais. Como pontua Michel German (2022), Bolsonaro tem potencial antissemita. Analisando o discurso de Jair Bolsonaro no clube Hebraica, na corrida presidencial de 2018, o historiador identifica uma série de palavras empregadas na oratória do atual presidente, como a comparação de quilombolas e animais, já que “o mais leve pesava oito arrobas”, como Bolsonaro pontuou, chamar o povo japonês de honrado, ideais de raça e honra, que para o professor, configuram um discurso com referências antissemitas. Ainda neste discurso, Bolsonaro avaliza os judeus que ali assistem seu discurso e deslegitima aqueles que o vaiaram previamente e não estão no auditório. Ou seja, os que do lado de fora estão são chamados de “vagabundos”. Para German, Bolsonaro (um não judeu), através dessa fala, busca legitimar enquanto judeu somente aquele que é conivente com sua candidatura e o apoia. Aliado ao antissemitismo diagnosticado por German, Jair Bolsonaro protagonizou falas racistas ao longo de sua carreira política. Em entrevista concedida em 2011 ao CQC, da Rede Bandeirantes, Bolsonaro afirmou não haver possibilidade de seus filhos casarem com uma negra pois foram “bem educados”. Dias depois, diante da repercussão negativa do comentário, Bolsonaro pediu para conceder uma entrevista de esclarecimento e disse que havia sido um grande desentendimento e que havia sido mal interpretado. Porque, então, com estes traços de intolerância, seria Bolsonaro eleito com 55% dos votos válidos?

A resposta está na descrença da população no jogo democrático, parte responsabilidade de governos antecessores, parte de réstia de reacionarismo de setores da população brasileira. O resultado da somatória é a perspectiva de

---

<sup>3</sup> Luiz Maklouf Carvalho(2019)

esperança encontrada em uma figura transvestida de anti sistêmico e honesto para governar, distante de negociatas e conchavos. Note, Bolsonaro não é anti-sistêmico e, sim, sub sistêmico. Há mais de três décadas na vida pública, figurou entre os partidos mais fisiológicos da política brasileira, como PP, de Paulo Maluf e PTB, de Roberto Jefferson. A busca por uma solução desesperada não é saudável na política. Com o objetivo de livrar-se da corrupção e resgatar valores que, aos olhos de grande parte da população, são indispensáveis para o funcionamento social, o Brasil elege um autocrata em potencial, que constantemente questiona elementos da democracia, ( testa diuturnamente as grades de proteção da política já mencionadas por Zibblatt e Levitsky), e, com relações questionáveis com figuras do submundo do crime do Rio de Janeiro, como Fabrício Queiroz e Adriano da Nóbrega ( Paes Manso 2020), condecorado por Flávio Bolsonaro na ALERJ( Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro). Como pontuou Bertold Brecht, “a cadela do fascismo está sempre no cio”.

Diante de um cenário de instabilidade política, o pleito presidencial, marcado para outubro de 2022, terá um papel fundamental na identificação do rumo que o Brasil tomará. O objetivo deste artigo é, diante do panorama brevemente exposto, analisar a campanha presidencial bolsonarista. Mais especificamente, falas antidemocráticas de Jair Bolsonaro nas lives.

Conceituar democracia não é algo simples. Uma gama de autores buscam dar cabo a esta questão por anos de estudo. Para Robert A. Dahl, em seu livro Poliarquia (1971, p.3) propõe alguns requisitos: direito ao voto, direito a ser eleito, direito dos políticos de competir por votos e apoio, eleições livres e justas, liberdade de associação, liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Estabelecendo as bases de uma sociedade democrática nas exigências de Dahl, é evidente como a democracia é complexa e requer constante vigilância para que o poder não seja usurpado por potenciais autocratas, que valendo-se da democracia, tentam acabar com ela.

Com base no quadro teórico exposto sobre teoria democrática, o método será a análise dos discursos autoritários do atual chefe do executivo federal em lives durante a campanha eleitoral e analisar se, de fato, Bolsonaro é uma ameaça à democracia, por suas falas e atos, ou não.

## PROCESSO ELEITORAL

O processo eleitoral de 2022 teve início no dia 18 de agosto. Juntamente com a campanha, deu-se início à análise das lives de Jair Bolsonaro que ocorreram dentro deste período. À priori focado na análise das lives de quinta, com a aproximação do dia do pleito, Bolsonaro aumentou o número de lives realizadas durante a semana. Inicialmente realizadas no Palácio da Alvorada, residência do Presidente, e posteriormente, por decisão do ministro Benedito Gonçalves<sup>4</sup>, do TSE, de proibir lives de campanha no palácio, tornaram-se itinerantes.

As lives mostram a mesma faceta de Bolsonaro, embora de vestes diferentes. Uma como chefe de Estado, quase sempre de camisa social e outra, conforme o dia da eleição do primeiro turno se aproximava, como um candidato de traje patriótico. Bolsonaro aparece, ao menos uma vez por semana, de camiseta, geralmente, verde e amarela, em uma menção à bandeira nacional, com adesivos colados na altura do peito e da barriga de candidatos bolsonaristas, bem como um adesivo dele próprio, bandeira do Brasil ao fundo e, em algumas oportunidades, com algum candidato aliado presente. Já participaram das transmissões figuras como o candidato ao Senado pelo estado de São Paulo e ex-ministro da Ciência e Tecnologia, Astronauta Marcos Pontes, o candidato ao governo de São Paulo e ex-ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, e a candidata ao Senado pelo Distrito Federal e ex-ministra da Família, Mulher e Direitos Humanos, Damares Alves. O “exército” de Bolsonaro, como ele mesmo já chamou os políticos situacionistas, é numeroso e possui “praças” ao longo de todas as unidades federativas. O tratamento bélico da extrema direita dada ao jogo político se choca com o conceito de tolerância mútua pontuado na primeira parte do artigo. O inimigo deste exército é a oposição. Todavia, adversários políticos devem permanecer dentro dos ritos democráticos e, por exclusão, não são exércitos inimigos. Sob a ótica bolsonarista de fazer política, inflama-se o ambiente. A intolerância é empoderada.

As lives, objeto da pesquisa, serão abordadas de forma mais minuciosa adiante. Há, entretanto, um modelo generalista presente nelas. Com cerca de uma

---

<sup>4</sup> Processo número 0601212-32.2022.6.00.0000, data 24/09/2022.

hora de duração, há duas fases. Na primeira, Bolsonaro lê algumas notícias veiculadas pela imprensa e estabelece “falsas verdades” dos veículos. Em clima de combate, surgem ataques à imprensa, ao STF, às urnas eletrônicas, aos institutos de pesquisa e à oposição política. O ataque sofrido pela jornalista Vera Magalhães, no debate dos presidenciais no primeiro turno, realizado pela Rede Bandeirantes, ilustra o tom áspero de Bolsonaro com a mídia, rotineiramente explicitado nas lives. A pergunta, direcionada a Ciro Gomes, candidato pedetista, com réplica de Bolsonaro, era sobre cobertura vacinal. Bolsonaro se irritou com o questionamento e, em sua réplica, disparou: “Não é possível. Você dorme pensando em mim, só pode ser”. Mais adiante, Bolsonaro conclui: “Vera Magalhães, você é uma vergonha pra o jornalismo brasileiro”. A declaração, reitero, apresenta o caráter do tratamento dado à imprensa sistematicamente nas lives (no caso citado, especificamente, há também uma questão de gênero, atitude recorrente de Bolsonaro, como fizera com a jornalista Patrícia Campos Mello no passado, época na qual as fake News como sistema operacional vieram à tona). Já na segunda parte, Bolsonaro concentra-se em pedir voto a ele e aos candidatos situacionistas de todo o Brasil, sempre valendo-se do medo. O medo do PT e daquilo que, no entendimento do Presidente e de seus aliados, pode ser feito caso o partido de centro-esquerda vença o pleito.

## ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES EM LIVES NO PRIMEIRO TURNO

Neste ponto do artigo, o foco será falas antidemocráticas de Jair Bolsonaro nas lives acompanhadas de uma análise.

Desde que venceu as eleições de 2018 e tornou-se chefe do Executivo Federal, Jair Bolsonaro é, rotineiramente, acusado de inclinações autoritárias e autocratas. Afinal, em quais elementos consistem as argumentações de certa vocação pouco republicana de Bolsonaro?

Sem dúvidas, às suas declarações. No dia 25 de setembro <sup>5</sup>, há três ataques: Bolsonaro pede votos aos seus candidatos, o que faz parte do jogo democrático. O que não faz é a frase seguinte: “Não queremos nossos inimigos”. Como pontuo na introdução deste artigo, novamente cito Ziblatt e Levitsky, a tolerância mútua é uma regra não escrita da democracia e, quando ela não é respeitada, abre-se espaço

---

<sup>5</sup> Live – PR Bolsonaro – 25/09/2022, data de acesso no dia 26/09/2022.

encarar a vitória da oposição, possibilidade democrática, como uma tragédia de dimensões apocalípticas. Na mesma live, ainda, Bolsonaro critica o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) acerca da decisão do órgão de proibi-lo de fazer lives, entendidas pela corte como propaganda eleitoral, no Palácio da Alvorada, local no qual Bolsonaro reside. Por fim, só no dia 25 de setembro, Bolsonaro diz crer que vencerá no primeiro turno. Afirma não acreditar nos institutos de pesquisa, que estão presentes na vida política brasileira há décadas com aproveitamento eficaz de acerto, mostrando se tratar de trabalho sério, e não tentativa de enganar a população. Atacar e desqualificar os institutos é atacar a imprensa. E, como pontua Robert Dahl, o ataque aos veículos de comunicação fere o jogo democrático.

As falas são abundantes. Poucos dias depois, especificamente no dia 27/09<sup>6</sup>, Bolsonaro, em live, faz ataque direcionado a um membro específico do STF, o ministro Alexandre de Moraes, alvo recorrente de Bolsonaro. “Tá pensando o que da vida? Acha que pode tudo? Acha que um dia vai dar uma canetada e me prender? Ultrapassou todos os limites. Não mexa com a minha esposa!” Diz Bolsonaro sobre a decisão do ministro de determinar quebra de sigilo de Mauro Cesar Barbosa Cid, militar e assessor de Bolsonaro. A decisão ocorreu após indícios sobre transações financeiras de Cid. Algumas transações teriam sido usadas para pagar contas de pessoas próximas da primeira-dama, Michelle Bolsonaro. “Isso é atitude de uma pessoa vil”, finaliza Bolsonaro.

Nota-se, no caso acima, o vocabulário com o qual um ministro da Suprema Corte é tratado. Com um linguajar totalmente informal, Bolsonaro não respeita a lisura e o decoro indispensáveis para o cidadão que ocupa o posto da Presidência. Note que, ao tratar um membro do Judiciário desta forma, há um choque institucional. Executivo e Judiciário são postos em configuração de animosidade. A tradução para um português mais acessível do significado da referida fala de Bolsonaro é: quero governar, mas sofro perseguição do Judiciário. Pronunciamentos como este inflamam parte da sociedade civil, simpatizante de Jair Bolsonaro. Como resultante, ministros

---

<sup>6</sup> Antes do Flow com Paulo Guedes, breve live / PR Jair Bolsonaro (27/09/2022), com data de acesso no dia 28/09/2022.



são hostilizados, bem como a próprio palácio do STF, que já foi alvo de ataque físico<sup>7</sup> local no qual os ministros se reúnem para votações.

Seguindo a sina bolsonarista em seu autoritarismo, no dia 28 de setembro <sup>8</sup>, Bolsonaro comenta a avaliação do TSE de proibir o uso da camiseta da seleção brasileira em zonas eleitorais. “Tá com medo de quê? De ter um mar de gente de verde e amarelo e aparecer o nome do Lula ganhando? É isso TSE?”, dispara Bolsonaro. E finaliza: “Vou determinar às Forças Armadas, que vão participar da segurança, para que em caso de proibição em qualquer seção eleitoral do eleitor entrar com a camisa do Brasil, o fechamento da seção”.

Esta avaliação não se concretizou. Brasileiros simpatizantes ao candidato Jair Bolsonaro puderam votar com a veste que desejaram. Todavia, o tom ameaçador com o qual o presidente tece o comentário, mais uma vez, estabelece relação de rivalidade, animosidade entre Judiciário e Executivo. Outrossim, na mesma fala Bolsonaro coloca em cheque a credibilidade dos institutos de pesquisa. Haja vista o início deste artigo, nota-se a tentativa de Bolsonaro de desafiar a Suprema Corte. Vale ressaltar que o STF, bem como o TSE, não são incriticáveis. Entretanto, as divergências necessitam, para a fluidez do jogo democrático (Levitsky e Ziblatt), respeitarem o plano institucional, característica raramente encontrada no bolsonarismo, que ataca constantemente outros poderes, bem como avilta e vilipendia adversários políticos.

Na mesma live, cerca de um minuto antes ao parecer sobre a avaliação do TSE anteriormente descrita, Bolsonaro ataca Lula: “Bandido, ladrão, vão querer aprovar o aborto e a ideologia de gênero”. O PT governou o país por mais de uma década e não aprovou o aborto, atribuição que, apesar da desinformação capitaneada por Jair Bolsonaro, não compete ao presidente da República. É competência do Congresso Nacional.

A mentira é outro elemento indispensável à cosmovisão bolsonarista. De acordo com matéria do jornal “Brasil de Fato”, desde 2019 Jair Bolsonaro contou cerca de cinco mil mentiras. O debate público, diante do número exposto, torna-se impraticável. Bolsonaro, bem como Casaleggio, é um livre docente da engenharia do

---

<sup>7</sup> Lembremo-nos do grupo liderado por Sarah Winter. A bolsonarista e sua quadrilha dispararam fogos de artifício em direção ao STF.

<sup>8</sup> Bolsonaro critica Moraes: “Esqueça minha esposa” – Morning Show 28/09/22, com data de acesso no dia 29/09/2022.

caos. Como exemplificado acima, Bolsonaro sustenta seu discurso em desinformações que desafiam as emoções daqueles que temem a legalização das drogas, bem como a ideologia de gênero. Todavia, bem como o aborto, também pontuado acima, são temas de competência do Congresso Nacional. Portanto, a base de argumentação do discurso bolsonarista é calcada em inverdades.

## ANÁLISE DAS DECLARAÇÕES EM LIVES NO SEGUNDO TURNO

Com a iminência do segundo turno, as lives continuaram a ter protagonismo na campanha eleitoral bolsonarista. Transmissões que anteriormente eram compostas por Bolsonaro e, no máximo, um ou dois convidados, passaram a contar com figuras públicas da música, do entretenimento e do esporte.

Em transmissão no dia 17 de outubro <sup>9</sup>, houve a live dos sertanejos. Nela, intitulada no canal de Jair Bolsonaro no Youtube como “Live com Gustavo Lima<sup>10</sup> ( a grafia correta do nome do cantor é Gustavo, mas o vídeo foi publicado da forma acima escrita), Zezé di Camargo e Leonardo”, cantores sertanejos declaram apoio à candidatura do presidenciável pelo PL. Além dos já citados, também estavam presentes nomes como Chitãozinho, Marrone, Sula Miranda, Fernando, da dupla Fernando e Sorocaba, além destes nomes, outros artistas aparecem no vídeo. O locutor de rodeio Cuiabano Lima, apoiador antigo de Bolsonaro, também marcou presença. Figuras políticas também apareciam. Ronaldo Caiado, governador de Goiás, e Carla Zambelli, deputada federal, foram ao encontro.

A live tem força não pelo conteúdo, ataques recorrentes à esquerda, mas pelas aparições. Gustavo Lima, por exemplo (o canal de Bolsonaro escreveu o nome do artista de maneira errada, com apenas uma letra T), conta com 44 milhões de seguidores no Instagram.

Com cerca de 22 minutos de transmissão, Zezé di Camargo pede a palavra e diz: “Devíamos fazer cartilhas com os significados de direita e esquerda para as pessoas entenderem”. Na fala seguinte, Cuiabano Lima complementa: “A esquerda é corrupta, a esquerda corrompe, escraviza e rouba”. Reduzir a complexidade teórica, bem como divergências presentes dentro da própria esquerda, bem como na direita,

---

<sup>9</sup> Live com Gustavo Lima, Zezé di Camargo e Leonardo, no dia 17/10/22

<sup>10</sup> a grafia correta do nome do cantor é Gustavo, mas o vídeo foi publicado da forma acima escrita.

a uma cartilha é simplificar, de forma inverossímil, o debate público e o pensamento crítico. Na cartilha proposta por Zezé, a esquerda seria associada ao atraso, e a direita ao avanço. Logo em seguida, a frase de Cuiabano exprime completa radicalização da política. Novamente, nota-se que regras não escritas, já mencionadas, de Ziblatt e Levistky, não são seguidas. Não parece, ao ouvir a frase do locutor de rodeio, estarmos diante de eleições, mas de uma guerra.

Menos de uma semana depois, foi realizada a “Superlive”<sup>11</sup>. Um conjunto de três transmissões sucessivas, cada uma com cerca de oito horas de duração. Ao todo, foram 22 horas de live. Com o título “Superlive da Liberdade”, teve um formato totalmente diferente das outras lives.

Bolsonaro não ficou quase um dia ao vivo. Ele entrava em alguns momentos, discursava brevemente e saía. Houve um grande revezamento de figuras públicas, uma mesa redonda, com convidados e apresentadores, além de entradas via links de outras personalidades. Não só famosos da cena política, bem como de outras áreas, participaram. Os nomes de maior repercussão foram o de Neymar, que declarou apoio ao presidente em vídeo no Instagram, e Gustavo Lima, cantor sertanejo que já havia confirmado voto em Bolsonaro ainda nas eleições de 2018, na qual Bolsonaro, então no PSL (Partido Social Liberal), venceu Fernando Haddad(PT).

A Superlive foi a última investida do esquadrão bolsonarista para tentar reverter o quadro prospectado no primeiro turno. Após a apuração das urnas, Lula teve 48,43% dos votos válidos, enquanto Bolsonaro teve 43,20%. Uma diferença de cerca de seis milhões de votos. Para vencer o pleito, Bolsonaro precisaria de grande parte dos votos de Simone Tebet e Ciro Gomes, que ficaram na terceira e quarta posição, respectivamente.

## CONCLUSÃO

A democracia brasileira foi testada. A conclusão é de que Jair Bolsonaro tem um potencial autocrata, vide todas as falas destacadas neste artigo. Escrevo a conclusão após o término das eleições de 2022. Com a derrota, Bolsonaro já sinalizou que aceitará o resultado, embora muitos apoiadores bolsonaristas tenham realizado

---

<sup>11</sup> Realizada no dia 22/10/22

manifestações pelo Brasil, travando rodovias e avenidas, afirmando que não aceitarão o resultado das urnas, que seriam fraudadas, pela ótica bolsonarista.

Por mais que o presidente, em seus últimos dias de governo, tenha pedido para que seus apoiadores desobstruam as rodovias<sup>12</sup>, é tarde para que essas pessoas mudem de opinião e tenham algum ideal democrático. Elas estão imbuídas de bolsonarismo a tal ponto que não há momento de virada. Ceder, sob o prisma bolsonarista, é sinal de fraqueza.

Por fim, as instituições democráticas venceram. Foram colocadas à prova, mas mostraram solidez. Todavia, a democracia necessita de constante vigilância para que nenhum autocrata aproprie-se dela. O constância do sistema de freios e contrapesos é imprescindível para a manutenção da vida democrática saudável, sem espaço para potenciais autocratas ganhem capital político a ponto de tornarem-se figuras nacionalmente relevantes. Autocratas sempre existirão, todavia, a missão da política institucional é, justamente, coibir o nascimento destes figurões e, uma vez paridos, mantê-los desprovidos de relevância.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as Democracias Morrem: Zahar, 2018

DAEMPOLI, Giuliano. Os Engenheiros do Caos: Vestígio, 2019

GERMAN, Michel. O judeu não judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo: Fósforo, 2022

DAHL, Robert. Poliarquia: Participação e Oposição: Edusp, 1997

LIJPHART, Arend. Modelos de democracia: Civilização Brasileira, 2019

CARVALHO, L.M. O Cadete e o Capitão: Todavia, 2019

---

<sup>12</sup> Pedido feito por declaração na internet no dia 01/11/2022

